

# Entrevista a René Girard

## Pensamento apocalíptico após o 11 de Setembro

ROBERT DORAN \*

*René Girard é um filósofo, historiador e crítico literário francês, sendo um dos maiores pensadores contemporâneos sobre o sagrado e a sua relação com a violência.*

*Esta entrevista foi publicada em 2008, em inglês, na revista SubStance, 115, vol. 37 (1). A conversa decorreu a 10 de fevereiro de 2007, na casa do professor Girard em Stanford, na Califórnia. A 8 de agosto de 2007, foi feita uma breve entrevista de seguimento, também em sua casa.*

---

\* Professor de Francês e de Literatura Comparada da Universidade de Rochester.

**Pouco depois dos ataques de 11 de Setembro de 2001, deu uma entrevista ao diário francês *Le Monde*, em que afirmou que «o que está a acontecer hoje é uma rivalidade mimética a uma escala planetária»<sup>1</sup>. Esta observação parece ser agora mais verdade do que nunca. Todas as evidências apontam para uma continuação e uma intensificação do conflito mimético: as guerras no Afeganistão e no Iraque, os atentados em transportes públicos em Madrid e em Londres, mesmo os incêndios de carros nos subúrbios de Paris, não lhes são alheios. Como vê os acontecimentos de 11 de Setembro em retrospectiva?**

Penso que a sua afirmação está correta. E gostaria de começar por fazer alguns comentários sobre esse mesmo ponto. Parecia impossível naquele momento, mas penso que muitas pessoas esqueceram o 11 de Setembro. Não por completo, mas reduziram-no a uma espécie de norma silenciada. Quando dei essa entrevista ao *Le Monde*, todos concordaram em que era um acontecimento bastante raro, novo e incomparável. E agora penso que muita gente não iria concordar com essa afirmação. Infelizmente, nos Estados Unidos, devido à guerra no Iraque, a atitude relativa ao 11 de Setembro foi afetada pela ideologia. Enfatizar o 11 de Setembro tornou-se «conservador» e «alarmista». Aqueles que querem acabar imediatamente com a guerra no Iraque tendem a minimizá-lo. Não quero com isto dizer que estejam errados ao quererem acabar com a guerra no Iraque, mas deviam ter muito cuidado e considerar a situação no seu todo antes de reduzirem a importância do 11 de Setembro. Hoje, esta tendência está muito generalizada, porque os acontecimentos a que se refere, que ocorreram depois do 11 de Setembro e que são de certo modo vagamente evocativos deste acontecimento, foram incomparavelmente menos poderosos, menos espetaculares e por aí adiante. E, por conseguinte, há todo um problema de interpretação: o que é o 11 de Setembro?

**Vê pessoalmente o 11 de Setembro como uma espécie de rutura, de acontecimento seminal?**

Sim, vejo-o como um acontecimento seminal, e é fundamentalmente errado minimizá-lo hoje. O desejo, normal, de ser otimista, de não ver a singularidade do nosso tempo do ponto de vista da violência, é o desejo de se agarrar a qualquer boia de salvação para fazer o nosso tempo parecer a mera continuação da violência do século xx.

Pessoalmente, penso que representa uma nova dimensão, uma nova dimensão mundial. O que o comunismo estava a tentar fazer – ter uma guerra

verdadeiramente global – aconteceu, e é agora real. Minimizar o 11 de Setembro é tentar evitar pensar como eu penso sobre a importância desta nova dimensão.

**Acabou de fazer uma referência à Guerra Fria. Como faria uma comparação das duas ameaças ao Ocidente?**

As duas são similares na medida em que representam uma ameaça revolucionária, uma ameaça global. Mas a ameaça presente vai para além da política, uma vez que há um aspeto religioso. Por conseguinte, a ideia de que poderia haver um conflito mais total do que o concebido pelos povos totalitaristas, como a Alemanha nazi, que se iria tornar de certo modo a propriedade do islão, é algo totalmente fabuloso, muito contrário ao que todos pensavam acerca da política. Isto exige uma quantidade imensa de pensamento, pois não há nenhuma reflexão correspondente sobre a coexistência de outras religiões com o islão, e em particular o cristianismo. O problema religioso é o mais radical, na medida em que vai para lá da divisão ideológica, que, claro está, muitos intelectuais hoje não querem abandonar. E se este é o caso, então as nossas reflexões permanecerão superficiais no que respeita ao 11 de Setembro. Temos de estar dispostos a pensar num contexto mais amplo, e na minha opinião este contexto mais amplo é a dimensão apocalíptica do cristianismo. A dimensão apocalíptica do cristianismo é uma ameaça porque a própria sobrevivência do planeta está em causa. O nosso planeta está sujeito a três ameaças, todas criadas pelo Homem: a ameaça nuclear, a ameaça ecológica e a manipulação biológica da espécie humana. A ideia de que não se pode confiar no Homem e nos seus poderes tanto é verdade no campo biológico como no campo militar. Assim, é uma ameaça tripla de proporções globais que tomou forma no último século.

**Volto à dimensão apocalíptica num momento. Num livro recente, Zbigniew Brzezinski (consultor de Segurança Nacional do presidente Carter) escreve: «Por trás de quase todos os atos terroristas esconde-se um problema político. [...] Parafraseando Clausewitz, o terrorismo é política por outros meios.»<sup>2</sup> Embora possa ter outras motivações, não é o terrorismo sempre em parte político, na medida em que, seja qual for o alvo real, ele é sempre em última análise dirigido aos governos?**

Bem, penso que não é sequer por outros meios. O terrorismo é uma forma de guerra, e a guerra é política por outros meios. Nesse sentido, o terrorismo é político. Mas o terrorismo é a única forma possível de guerra perante a

tecnologia. O maior mistério do que está a acontecer agora no Iraque é a confirmação deste facto imensamente importante. A superioridade do Ocidente é a sua tecnologia, e esta revela nada ser no Iraque. É claro que eles se põem na pior situação possível ao dizerem que nós iríamos transformar o Iraque numa democracia jeffersoniana – o que foi a coisa mais estúpida para dizer! Isto é precisamente o que eles não podem fazer; eles são impotentes perante o islão. A divisão entre sunitas e xiitas é infinitamente mais importante. Eles conseguem lutar uns contra os outros exatamente no mesmo momento em que estão a lutar contra o Ocidente, o que é verdadeiramente espantoso. Porque é que o Ocidente se deveria envolver neste conflito dentro do islão? Nós nem sequer o compreendemos. A nós parece-nos um ressurgimento da querela entre jansenistas e jesuítas. Nós não vemos como isto é enormemente poderoso no mundo islâmico.

### **É a nossa incompreensão do papel da religião?**

É incompreensão do papel da religião e incompreensão do nosso próprio mundo, da debilidade das coisas que nos unem; pois, quando invocamos os nossos princípios democráticos, estamos a falar de coisas como igualdade e eleições, ou de capitalismo, consumo, comércio livre e por aí fora? Pode dizer-se que nos próximos anos o Ocidente vai ser testado. A questão é como reagirá o Ocidente: de maneira forte ou fraca? Irá dissolver-se? O Ocidente devia começar a pensar se tem realmente princípios, se são cristãos ou puramente consumistas. O consumismo não tem qualquer influência sobre aqueles que se envolvem nestes ataques suicidas. É sobre isto que a América devia estar a pensar, porque a América tem estado a expandir-se pelo mundo, dando a todos aquilo que consideramos mais sedutor do que qualquer outra coisa. Será que não funciona mesmo nos povos muçulmanos? Por outras palavras, será que eles fingem que não funciona? Será ressentimento? Terão eles um mecanismo de defesa bem organizado contra isso? Ou é a sua visão religiosa de certo modo mais autêntica e poderosa? Este é o verdadeiro problema.

### **A sua interpretação original foi de que o 11 de Setembro tinha acontecido devido a ressentimento.**

Sou muito menos assertivo do que fui na altura do 11 de Setembro, quando defendi um total ressentimento como razão. Lembro-me de que fiquei fascinado numa reunião na École Polytechnique, em que concordei a cem por cento com Jean-Pierre Dupuy acerca da interpretação de ressentimento do mundo muçulmano. Mas agora, não penso que seja suficiente. Pode o

ressentimento motivar esta capacidade para morrer daquele modo? Poderia o mundo muçulmano realmente ser indiferente à cultura de consumo em massa? Talvez. Não sei. Talvez seja excessivo atribuir-lhes uma inveja disso. Se os islamitas estão realmente numa de domínio do mundo, então estão para além disso. Não sabemos se irá dar-se uma espécie de industrialização rápida no mundo muçulmano, ou se vão tentar ganhar com base no crescimento demográfico e no fascínio que exercem. Há cada vez mais conversões no Ocidente. O fascínio pela violência desempenha seguramente um papel.

**Mas a interpretação do ressentimento parecia lógica tendo em conta o seu pensamento.**

Há aqui ressentimento, claro. E é isto que terá incitado aqueles que aplaudiram os terroristas, como se estivessem num estádio. Isso é ressentimento. É óbvio e inegável. Mas é essa a única força? É essa a principal força? Poderá ele por si só conduzir aos ataques suicidas que vemos? Não tenho a certeza. Também é verdade que a riqueza acumulada no Ocidente, em comparação com o resto do mundo, é um enorme escândalo, e que o 11 de Setembro não é alheio a este facto. Por isso, eu não quero abandonar por completo a ideia do ressentimento. O fator ressentimento é certamente considerável, mas não pode ser a única explicação.

**E a outra força?**

A outra força seria religiosa. Alá é contra o consumismo e por aí adiante. O que o muçulmano vê na realidade é que os rituais religiosos de proibição são uma força que mantém a comunidade unida – o que desapareceu por completo ou está a desaparecer no Ocidente. As pessoas no Ocidente só estão unidas pelo consumismo, por bons salários, etc. Os muçulmanos dizem: «As vossas armas são terrivelmente perigosas, mas como povo sois tão débeis que a vossa civilização pode ser facilmente destruída.» É assim que eles pensam, e podem não estar totalmente errados. Penso que há algo de certo nisto. Em última análise, penso que a visão cristã de violência irá superar tudo, mas podemos considerar isto um grande teste.

**No seu contributo para este volume [*SubStance*, 115, vol. 37], Jean-Pierre Dupuy chama ao 11 de Setembro «um verdadeiro sacrifício, no sentido antropológico do termo»<sup>3</sup>. Pode pensar-se no 11 de Setembro de acordo com uma lógica de sacrifício?**

Quero ser muito prudente ao responder a esta questão. Temos de ter cuidado para não justificarmos o 11 de Setembro chamando-lhe sacrificial. Penso que Jean-Pierre Dupuy não o faz. Ele mantém uma espécie de neutralidade. O que ele diz sobre a natureza sagrada do *Ground Zero* é, penso eu, perfeitamente justificado. No entanto, eu gostaria de citar um ensaio perspicaz de James Alison, que escreveu precisamente sobre este assunto:

E imediatamente o centro sacrificial começou a gerar o tipo de reações que é suposto os centros sacrificiais gerarem: um sentimento de unanimidade e pesar. [...] Começaram a aparecer expressões querendo dizer que «Agora somos todos americanos» – um sentimento puramente fictício para a maioria de nós. Foi espantoso observar o sentimento de união a intensificar-se à volta do centro sagrado, rapidamente consagrado como *Ground Zero*, um sentimento que iria consolidar-se nas horas seguintes no agitar da bandeira, um enorme recrudescimento dos serviços e observâncias religiosas, os líderes religiosos subitamente levados a sério, velas, santuários, orações, todos os acessórios da religião da morte. [...] E havia o pesar. Como gostamos do pesar! Faz-nos sentir bons e inocentes. Era a isto que Aristóteles se referia com *catarse*, e tem ecos profundamente sinistros de raízes de tragédia dramática no sacrifício. Um dos efeitos do sagrado violento à volta do centro sacrificial é fazer os presentes sentirem-se justificados, sentirem-se bem moralmente. Um bem contrafactual que subitamente nos tira das nossas pequenas traições, dos atos de cobardia, das consciências desconfortáveis.<sup>4</sup>

Penso que James Alison tem razão ao falar de *catarse* [*kátharsis*] no contexto do 11 de Setembro. A noção de *catarse* é tremendamente importante. As pessoas pensam que é uma palavra aristotélica. Não é verdade. É uma palavra religiosa. Na realidade, significa «purga», no sentido de purificação. Na Igreja Ortodoxa, por exemplo, *katharos* significa purificação. É a palavra que exprime o efeito positivo da religião. A purga torna-nos puros. É o que é suposto a religião fazer, e fá-lo com sacrifício. Considero o uso da palavra «*catarse*» por parte de Aristóteles pura genialidade. Quando as pessoas condenam a teoria mimética, não veem o suporte formidável que tem em Aristóteles. Aristóteles parece estar a falar só de tragédia, mas o teatro trágico é simplesmente sacrifício reinterpretado como drama. É por isto que se chama «a ode ao bode»<sup>5</sup>. Aristóteles é sempre convencional nas suas explicações, convencional no melhor sentido. Um grego muito inteligente, procurando justificar a sua religião, iria, penso eu, usar a palavra «*catarse*». Assim, na minha resposta a esta questão, poria uma enorme ênfase na *catarse* e no entendimento aristotélico do termo.

**Certamente o aspeto espetacular do 11 de Setembro sugere uma relação análoga com o teatro. Mas com o 11 de Setembro podíamos ser todos testemunhas de um acontecimento *real* enquanto este acontecia.**

Sim, com o 11 de Setembro havia televisão. A televisão torna-nos presentes na cena, intensificando assim a experiência. O acontecimento foi *en direct*, como se diz em francês. Não sabíamos o que ia acontecer em seguida. Vi o segundo avião a atingir o edifício não como uma repetição mas como um acontecimento ao vivo. Foi como um espetáculo trágico, mas ao mesmo tempo real. Se não o tivéssemos vivido no sentido mais literal, não teria tido o mesmo impacto. Penso que se tivesse escrito *Violence and the Sacred* depois do 11 de Setembro, muito provavelmente teria incluído o 11 de Setembro neste livro<sup>6</sup>. Este é o acontecimento que possibilita uma compreensão do acontecimento moderno, pois torna o arcaico mais inteligível. O 11 de Setembro representa um estranho retorno do arcaico dentro do secularismo do nosso tempo. Não há muito tempo, as pessoas teriam tido uma reação cristã ao 11 de Setembro. Agora têm uma reação arcaica, que não pressagia bem para o futuro.

**Voltemos à dimensão apocalíptica. O seu pensamento é geralmente considerado pessimista. Vê o 11 de Setembro como uma indicação do caminho para um futuro apocalíptico?**

O futuro apocalíptico não é algo histórico. É algo religioso e, como tal, é algo de que não se pode abrir mão. Isto é o que os cristãos modernos não compreendem. Porque, no futuro apocalíptico, os bons e os maus estão misturados de tal forma que, de um ponto de vista cristão, não se pode falar de pessimismo. É somente ser cristão. É dizer que todos os textos pertencem à mesma totalidade. Para compreender isto, basta citar a Primeira Carta aos Coríntios: se os poderes, os poderes deste mundo, tivessem sabido o que iria acontecer, nunca teriam crucificado o Senhor da Glória, porque tal significava a sua destruição. Porque quando se crucifica o Senhor da Glória, é revelado o estratagema dos poderes, que é o mecanismo do bode expiatório. Mostrar a crucificação como o assassinio de uma vítima inocente é mostrar o assassinio coletivo e possibilitar às pessoas compreenderem que se trata de um fenómeno mimético. Por conseguinte, os poderes acabarão por ser destruídos por esta verdade. E toda a história é simplesmente a realização desta profecia. Aqueles que dizem que o cristianismo é anarquista têm alguma razão. Os cristãos estão a destruir os poderes deste mundo, no sentido de que estão a destruir a legitimidade de toda a violência. Do ponto de vista do estado, o cristianismo é uma força de anarquia. Sempre

que recupera a sua antiga força espiritual, isto reaparece de certo modo. Assim, o conflito com os muçulmanos é, de facto, muito mais significativo do que mesmo os fundamentalistas pensam. Os fundamentalistas pensam que o apocalipse é a violência de Deus. Mas se lermos os capítulos apocalípticos, veremos que o apocalipse é a violência do Homem desencadeada pela destruição dos poderes, isto é, dos estados, que é o que estamos agora a ver.

**Mas este entendimento possibilita que a violência continue noutra nível.**

Sim, mas não como uma força religiosa. A força religiosa está do lado de Cristo, em última análise. No entanto, parece que a verdadeira força religiosa estava do lado da violência.

**Como será quando os poderes forem vencidos?**

Bem, quando os poderes forem vencidos, a violência tornar-se-á de tal ordem, que o fim virá. Se pegarmos nos capítulos apocalípticos, é isto que eles nos anunciam. Haverá revolução e guerras. O estado irá elevar-se contra o estado, a nação contra a nação. As contrapartes são estas. Este é o poder da anarquia que temos agora, com forças capazes de destruírem o mundo inteiro. Assim, podemos ver a vinda do apocalipse de uma forma que anteriormente não era possível. Nos princípios do cristianismo, havia algo mágico sobre o apocalipse. O mundo vai acabar; estaremos todos no paraíso e tudo estará bem. O «erro» dos primeiros cristãos foi acreditar que o apocalipse seria uma ocorrência instantânea. Os primeiros textos cristãos, cronologicamente falando, são as Cartas aos Tessalonicenses e são uma resposta à questão: Porque é que o mundo continua se anunciaram o seu fim? Paulo afirma que há algo a reter os poderes, o *katochos* (algo que retém). A interpretação mais comum é a de que é o Império Romano. A crucificação ainda não dissolveu toda a ordem. Se olharmos para os capítulos apocalípticos do cristianismo, estes descrevem algo como o presente caos, que não existia no princípio do Império Romano. Como pode o mundo acabar se é controlado tão firmemente pelas forças da ordem?

**Então a revelação cristã é ambivalente, na medida em que tem consequências positivas e negativas?**

Porquê negativas? Fundamentalmente é a religião que anuncia o mundo futuro; não se trata de lutar por este mundo. É o cristianismo moderno que se esquece das suas origens e da sua direcção real. O apocalipse no início do

cristianismo era uma *promessa*, não uma ameaça, pois eles acreditavam verdadeiramente no próximo mundo.

**Então poder-se-ia dizer que é pessimista num sentido *a priori*?**

Sou pessimista no sentido em que toda a gente compreende a palavra pessimismo. Mas sou otimista no sentido em que hoje, se olharmos para o mundo presente, já se verificam todas as predições. Pode ver-se a forma do apocalipse crescer todos os dias: o poder capaz de destruir o mundo, armas cada vez mais letais e as outras ameaças que se estão a multiplicar sob os nossos olhos. Ainda acreditamos que todos estes problemas são controláveis pelo Homem, mas se olharmos para o seu conjunto, podemos ver que não é assim. Adquirem uma espécie de valor sobrenatural. Como os fundamentalistas, muitos leitores dos Evangelhos se recordam da situação do mundo quando leem estes capítulos apocalípticos. Mas os fundamentalistas acreditam que a violência final vem de Deus, por isso não veem a relevância do que se está a passar agora – a relevância religiosa. Isto mostra o quão pouco cristãos eles são a um certo nível. É a violência humana que está a ameaçar o mundo de hoje, e isto está em maior conformidade com o tema apocalíptico nos Evangelhos do que eles se apercebem.

**Não se pode dizer que fizemos um progresso moral?**

Mas os dois são possíveis em simultâneo. Por exemplo, temos menos violência privada. Olhando para as estatísticas do século XVIII, era incrível a violência que então havia, em comparação com os dias de hoje.

**Eu estava a pensar em algo como o movimento pacifista, que teria sido inconcebível há somente cem anos.**

Sim, o movimento pacifista é totalmente cristão, quer o saiba quer não. Mas ao mesmo tempo há um desencadear de invenções tecnológicas que já não são travadas por nenhuma força cultural. Jacques Maritain disse que há mais bons e mais maus no mundo a todos os momentos. Penso que esta é uma excelente fórmula. Por outras palavras, o mundo é ao mesmo tempo mais cristão e menos cristão, constantemente. Mas é fundamentalmente desorganizado pelo cristianismo.

**Então o que está a dizer opõe-se à perspectiva humanista de alguém como Marcel Gauchet, que diz que o cristianismo é a religião do fim da religião<sup>7</sup>.**

Sim, Marcel Gauchet é o resultado de toda a interpretação moderna de cristianismo. Nós dizemos que somos os herdeiros do cristianismo e que o legado do cristianismo é o humanismo. Isto é em parte verdade. Mas ao mesmo tempo, Marcel Gauchet não olha para o mundo no seu todo. Podemos manter tudo junto com a teoria mimética. À medida que o mundo parece ser mais ameaçador, é certo que a religião voltará. E de certo modo, o 11 de Setembro é o princípio disto, pois neste ataque a tecnologia foi usada não para fins humanistas mas para fins radicais, metafísico-religiosos, que não são cristãos. É por isso que para mim isto é tão fabuloso, porque estou habituado a considerar as forças religiosas e as forças humanistas em conjunto, não como se uma fosse verdadeira e a outra falsa, e depois subitamente a religião arcaica está a voltar de uma forma incrivelmente forte com o islão. O islão tem muitos aspetos das religiões bíblicas, menos a revelação da violência como má, como não divina mas humana; torna a violência totalmente divina. É por isto que a oposição é mais significativa do que com o comunismo, que é um humanismo. É um humanismo artificial, a forma última e mais incrivelmente imbecil, que resulta em terror. Mas ainda é humanismo. E subitamente estamos de regresso à religião, à religião arcaica, mas com armas modernas. O mundo está à espera é do momento em que os radicais muçulmanos irão de algum modo ser capazes de usar armas nucleares. E o ponto para onde temos de olhar no mapa é o Paquistão, que é uma nação muçulmana com armas nucleares. E o Iraque está a tentar desenvolvê-las.

**Acha então que a Guerra Fria está a ser suplantada tanto em dimensão como em importância pelo conflito com o radicalismo islâmico?**

Sim, totalmente suplantada. E a velocidade com que foi suplantada foi algo simplesmente incrível. O momento em que a União Soviética revelou que eles eram humanos foi quando não tentaram forçar o bloqueio de Kennedy, e desde essa altura já não assustaram mais ninguém. Depois de Khrushchev, era preciso chegar a Gorbatchev bastante depressa. O momento em que Gorbatchev chegou ao poder foi o momento em que as oposições já não estavam dentro do humanismo. Os comunistas tinham querido organizar o mundo para que não houvesse mais pessoas pobres, e os capitalistas tinham dito que os pobres eram insignificantes. Os capitalistas tinham prevalecido.

**E este conflito será mais perigoso por já não ser uma luta dentro do humanismo?**

Sim, embora eles não tenham as mesmas armas que a União Soviética, pelo

menos não por enquanto. As coisas mudam tão depressa. No entanto, cada vez mais pessoas no Ocidente irão ver a debilidade do nosso humanismo; não nos vamos tornar novamente cristãos, mas haverá mais atenção ao facto de que a luta é na realidade entre cristianismo e islamismo, mais do que entre islamismo e humanismo.

**Quer dizer, um conflito entre o entendimento de que a violência é humana e o entendimento de que a violência é divina?**

Sim, com o islão penso que a oposição é total. No islão, se somos violentos, somos inevitavelmente um instrumento de Deus. Assim, está mesmo a dizer que a violência apocalíptica vem de Deus. Nos Estados Unidos, os fundamentalistas dizem isso, mas as grandes Igrejas não. No entanto, não são pensadores suficientemente coerentes para dizer que se a violência não vem de Deus, então vem do Homem e, por conseguinte, somos responsáveis por ela. Aceitamos viver sob a proteção de armas nucleares. Este foi provavelmente o maior pecado do Ocidente. Pense nas suas implicações.

**Está a referir-se à lógica da destruição mutuamente assegurada.**

Sim, à dissuasão nuclear. Mas estas são desculpas mancas. Estamos a pôr a nossa fé na violência; acreditamos que a violência irá manter a paz. Mas esta conceção é inevitavelmente falsa. Estamos a tentar não pensar radicalmente hoje sobre o que significa esta confiança na violência.

**O que pensa que poderia ser o efeito de outro acontecimento como o 11 de Setembro?**

Penso que mais pessoas tomariam mais consciência. Mas provavelmente seria como o primeiro ataque. Haveria um período de enorme tensão espiritual e intelectual, seguido de um relaxamento lento. Quando as pessoas não querem ver uma coisa, são bastante boas a fazê-lo. Penso que haverá revoluções espirituais e intelectuais num futuro não muito distante. O que estou a dizer agora parece completamente insano, mas penso que o 11 de Setembro vai ter sempre cada vez mais significado.

**A sua visão do papel da violência no cristianismo mudou?**

Há erros em *Things Hidden since the Foundation of the World*<sup>8</sup>: a recusa em usar a palavra sacrificial de uma boa maneira, por exemplo. Havia demasiada oposição entre o sacrificial e o não-sacrificial. No cristianismo, todos os atos sacrificiais se destinavam a afastar a violência, a possibilitar ao Homem

acabar com a sua própria violência. Penso que o autêntico cristianismo separa completamente Deus da violência; no entanto, o papel da violência no cristianismo é algo complexo.

**Na altura de *Things Hidden*, disse que o cristianismo era uma religião não-sacrificial.**

O cristianismo sempre foi sacrificial. É verdade que eu dei demasiada importância à interpretação de não-sacrificial, com o objetivo de ser herege. Era o que restava em mim da atitude vanguardista. Eu tinha de estar contra a Igreja de algum modo. A atitude foi instintiva, uma vez que toda a minha formação intelectual veio do surrealismo, do existencialismo e por aí adiante, que eram todos anticristãos. Foi provavelmente uma boa coisa, pois de outro modo o livro poderia não ter tido êxito.

**Se se tivesse mostrado mais ortodoxo?**

Se me tivesse mostrado mais ortodoxo, teria sido silenciado imediatamente pelo silêncio dos meios de comunicação social.

**Qual é a sua opinião atual sobre o sacrifício no cristianismo?**

Temos de distinguir entre o sacrifício dos outros e o autosacrifício. Cristo diz ao Pai: «Não querias nem holocausto nem sacrifício; então eu disse: “Aqui estou”.» Por outras palavras: prefiro sacrificar-me a mim mesmo a sacrificar os outros. Mas isto ainda tem de chamar-se sacrifício. Quando dizemos «sacrifício» nas nossas línguas modernas, o termo só tem o sentido cristão. Por conseguinte, a paixão é totalmente justificada. Deus diz: se mais ninguém for suficientemente bom para se sacrificar a si mesmo em lugar do seu irmão, eu fá-lo-ei. Por conseguinte, preencho os requisitos de Deus para homem. Prefiro morrer a matar. Mas todos os outros homens preferem matar a morrer.

**Mas e a ideia de martírio?**

No cristianismo não nos martirizamos a nós próprios. Não nos voluntariamos para sermos mortos. Pomo-nos numa situação em que a observância dos preceitos de Deus (dar a outra face, etc.) levará a que nos matem. Mas seremos mortos porque os homens nos querem matar, não porque nos voluntariamos. Não é como a ideia japonesa de *kamikaze*. A ideia japonesa significa que estamos prontos para morrer em vez de matar. Esta é a atitude da boa prostituta no julgamento de Salomão. Ela diz: dá a criança à minha

inimiga em vez de a matares. Sacrificar o seu filho é como sacrificá-la a ela, pois ao aceitar o equivalente à morte, ela sacrifica-se a si própria. E quando Salomão diz que ela é a verdadeira mãe, isto nem sequer significa que ela seja a mãe biológica, mas a espiritual. Esta história é do Livro dos Reis, que é de certa forma um livro bastante cruel. Mas eu diria que não há nenhum símbolo pré-cristão do autosacrifício de Cristo que seja superior a este.

### **Vê isto em contraste com o conceito de martírio no islão?**

Vejo-o a contrastar o cristianismo com todas as religiões de sacrifício arcaicas. Agora, como a religião muçulmana copiou o cristianismo mais do que qualquer coisa, não é abertamente sacrificial. Mas a religião muçulmana não destruiu o sacrifício da religião arcaica do modo como o cristianismo o fez. Nenhuma parte do mundo cristão manteve o sacrifício pré-cristão. Muitas partes do mundo muçulmano mantiveram o sacrifício pré-muçulmano.

### **Não seriam os linchamentos espontâneos no Sul exemplos de sacrifício arcaico?**

Sim, claro. Temos de ir a Faulkner para encontrar a verdade sobre isto, a um romancista. Muitas pessoas acreditam que o cristianismo é corporalizado pelo Sul. Eu diria que o Sul é talvez a parte menos cristã dos Estados Unidos em termos de espírito, embora seja a mais cristã em termos de ritual. Não há dúvida de que o cristianismo medieval estava muito mais perto daquilo que perdura do fundamentalismo. Mas há muitas formas de trair uma religião. No caso do Sul, é muito óbvio, tal é o retorno às formas de religião mais arcaicas. Temos de definir estes linchamentos como uma espécie de ato religioso arcaico.

### **O que pensa da forma como as pessoas usam o termo «violência religiosa»?**

As pessoas usam o termo «violência religiosa» de formas que não esclarecem os problemas que o meu pensamento está a tentar esclarecer: de uma relação que está constantemente a passar a violência, o que também é histórico.

### **Seria justo dizer que de acordo com o seu pensamento qualquer violência religiosa é necessariamente arcaica?**

Bem, eu diria que qualquer violência religiosa inclui um grau de arcaísmo. Mas alguns aspetos são muito complicados. Por exemplo, na Primeira Guerra Mundial, o que era cristão nos soldados que aceitaram ser destacados para

morrer pelo seu país, muitos deles em nome do cristianismo? Há algo nisto que não se coaduna com o cristianismo. Mas também há algo que é verdade. Em minha opinião, isto não invalida o facto de haver uma história de violência religiosa, e de, no fundo, as religiões, especialmente o cristianismo, serem continuamente influenciadas por esta história, embora a sua influência seja pervertida na maior parte do tempo.

[tradução de Joana Bernardino; revisão científica de Nelson Ribeiro]

Entrevista publicada em *Comunicação & Cultura*, n.º 11, 2011, pp. 159-173

## NOTAS

1. Entrevista com Henri Tincq, *Le Monde*, 6 de novembro de 2001.
2. Zbigniew Brzezinski, *The Choice: Global Domination or Global Leadership*, Nova Iorque: Basic Books, 2004, p. 28.
3. Jean-Pierre Dupuy, «Anatomy of 9/11: Evil, Rationalism, and the Sacred», incluído neste volume.
4. James Alison, «Contemplation in a World of Violence: Girard, Merton, Tolle», [[http://www.thecentering.org/Alison\\_Contemplation%20in%20a%20world%20of%20violence.html](http://www.thecentering.org/Alison_Contemplation%20in%20a%20world%20of%20violence.html)], consultado a 8 de agosto de 2007.
5. A palavra grega *tragoidia* é uma combinação de *tragos* (bode) e *ode* (canção): «canção do bode» ou «a canção cantada no sacrifício de um bode».
6. René Girard, *Violence and the Sacred*, Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 1977.
7. Ver Marcel Gauchet, *The Disenchantment of the World: A Political History of Religion*, trans. Oscar Burge, pref. Charles Taylor, Princeton NJ: Princeton Univ. Press, 1997, p. 101.
8. René Girard, *Things Hidden since the Foundation of the World*, trans. S. Bann & M. Metteer, Stanford Univ. Press, 1987.